

Índice

Cyrus Shams — Universidade de Keady, 2015	11
Um	15
Dois	27
Três	39
Quatro	49
Cinco	55
Seis	71
Sete	77
Oito	91
Nove	105
Dez	115
Onze	125
Doze	139
Treze	151
Catorze	159
Quinze	171
Dezasseis	179
Dezassete	187
Interlúdio	199
Dezoito	205
Dezanove	213
Vinte	223
Vinte e Um	231
Vinte e Dois	241
Vinte e Três	249

Vinte e Quatro	255
Vinte e Cinco	265
Vinte e Seis	275
Vinte e Sete	285
Vinte e Oito	293
Vinte e Nove	309
Trinta	313
Trinta e Um	325
Trinta e Dois	331
<i>Coda</i>	343
Agradecimentos	351
Notas de Tradução	353

CYRUS SHAMS

UNIVERSIDADE DE KEADY, 2015

Talvez Cyrus tenha tomado as drogas erradas pela ordem certa, ou as drogas certas pela ordem errada, mas quando Deus finalmente falou com ele, ao fim de vinte e sete anos de silêncio, o que Cyrus desejava, mais do que qualquer outra coisa, era uma nova oportunidade. Clarificação. Deitado no colchão, que cheirava a mijó e a ambientador, no seu quarto, que cheirava a mijó e a ambientador, Cyrus fixava a única lâmpada no teto, desejando que ela voltasse a piscar, que Deus confirmasse que aquele tremular da lâmpada tinha sido uma ação divina, e não apenas a defeituosa instalação elétrica, do velho apartamento.

«Fá-la piscar», estivera ele a pensar, e não pela primeira vez na sua vida. «Só uma piscadela, que eu vendo todas as minhas cenas e compro um camelo. Inicio uma vida nova.» Naquele momento, as suas cenas resumiam-se a um monte de roupa suja e uma pilha de livros requisitados em várias bibliotecas e nunca devolvidos, poesia e biografias, *To the Lighthouse*, *My Uncle Napoleon*. Mas isso não tinha importância: Cyrus estava a falar a sério. Porque é que o Profeta Maomé haveria de ter recebido toda uma visita de um arcanjo? Porque é que Paulo haveria de ter visto a literal luz celeste na estrada para Damasco? É óbvio que depois de uma revelação tão clara, seria fácil estabelecer uma fé sólida. Como se podia achar justo homenagear estes gajos por uma fé que não era fé nenhuma, que era apenas obediência ao que eles viram claramente ser verdade? E que sentido fazia castigar o resto da humanidade, que nunca tivera acesso a uma revelação tão explícita, fazer com que todos os demais troçassem de crise em crise, desesperadamente sós?

Mas então aconteceu também a Cyrus, ali mesmo, naquele mísero quarto do Indiana. Pediu a Deus que Se revelasse¹, o que quer que fosse. Pediu-o com todo o fervor de que dispunha, que era imenso. Se cada relação era uma série de avanços e recuos, Cyrus quase nunca era aquele que recuava, partilhando tudo o que era importante sobre si próprio numa palavra, num sorriso, com um encolher de ombros como se dissesse: «São factos, simplesmente. Porque é que eu havia de ter vergonha?»

Estivera deitado no colchão sem lençóis, pousado diretamente no chão de madeira, deixando cair a cinza do cigarro sobre o estômago nu, como um príncipe enfadado, enquanto pensava «Acende e apaga a luz, Senhor, e eu compro um burro, prometo que compro um camelo e vou montado nele até Medina, até Getsémani, onde quer que seja, só precisas de acender a luz e eu arranjo uma maneira, prometo». Estava ele a pensar isto quando a coisa — *algo* — aconteceu. A lâmpada tremeluziu, ou talvez se tenha tornado mais brilhante, como o *flash* duma máquina fotográfica do outro lado da rua, só pela fração duma fração de segundo, e depois voltou ao normal, apenas uma lâmpada amarela comum.

Cyrus tentou recordar as drogas que consumira nesse dia. O habitual ramalhete de álcool, erva, cigarros, Rivotril, Adderall, Neurontin, várias vezes ao longo do dia. Ainda lhe restavam dois ou três comprimidos de Percocet, mas estava a guardá-los para a noite. Não tomara nada exótico, nada que lhe pudesse dar alucinações. Na verdade, sentia-se bastante sóbrio, comparado com os seus parâmetros habituais.

Perguntou a si mesmo se não teria sido o puro peso do seu desejo, ou da sua atenção, que lhe forçara a vista ao ponto de a fazer ver o que queria ver. Perguntou-se se não seria assim que Deus operava agora, no novo mundo. Cansado de pirotecnias intervencionistas como sarças a arder e pragas de gafanhotos, talvez Deus operasse agora através dos olhos cansados de iranianos bêbados no centro-oeste americano, através de caixas de *bourbon* da CVS e de pastilhinhas cor-de-rosa com G 31 impresso na lateral. Cyrus bebeu um gole da enorme garrafa de plástico de *Old Crow*. Para ele, o uísque fazia o mesmo que uma mesinha de cabeceira para as pessoas normais — estava sempre à cabeceira do colchão, mantendo no lugar aquilo que para ele era essencial. Erguia-o diariamente do mesmo sono para o qual mais tarde o enviaria.

Ali deitado, a refletir no possível milagre que acabara de testemunhar, Cyrus pediu a Deus que o repetisse. Uma confirmação, como digitar duas vezes uma palavra-passe. Se o omnisciente criador do universo se tivesse querido revelar a Cyrus, não haveria qualquer ambiguidade.

Fixou a lâmpada do teto, que no nevoeiro do fumo do cigarro parecia uma lua aquosa, e esperou que voltasse a acontecer. Mas não aconteceu. Qualquer que tivesse sido a cintilação que ele havia, ou não, testemunhado, não se repetiria. E assim, ali deitado na névoa abafada duma relativa sobriedade — que era em si mesma uma espécie de pedrada — por entre roupa interior e latas e mijo seco e frascos de comprimidos vazios e livros meio lidos espalmados contra o chão, quebrando as lombadas para desviarem o rosto — Cyrus tinha uma decisão a tomar.

DOIS ANOS DEPOIS

SEGUNDA-FEIRA

UNIVERSIDADE DE KEADY, 6 DE FEVEREIRO DE 2017

«Era capaz de morrer por *ti*», disse Cyrus sozinho para o seu reflexo no pequeno espelho do hospital. Não tinha a certeza de estar a falar a sério, mas sabia-lhe bem dizê-lo. Há semanas que andava a brincar à morte. Não no sentido de Plath de «Voltei a fazê-lo, um ano a cada dez». Cyrus estava a trabalhar como ator clínico no Hospital Universitário de Keady. Por vinte dólares à hora, quinze horas por semana, ele fingia ser um «daqueles que perecem». Gostava da forma como o Alcorão o dizia, não «até morreres», mas «até seres um daqueles que perecem». Como a chegada a uma nova comunidade que o esperasse ansiosamente. Cyrus entrava no gabinete do terceiro andar do hospital e uma secretária entregava-lhe um cartão com o nome e a identidade de um suposto doente e ao lado uma cara de desenho animado exprimia uma escala de dor, de 0 a 10, na qual o 0 era uma cara sorridente de «Não sinto dor nenhuma», o 4 era uma cara séria de «Dói um pouco mais» e o 10 era uma expressão chorosa de «Dor insuportável», uma caricatura horrível, em que a boca era representada por um U invertido. Cyrus sentia que havia encontrado a sua vocação.

Em certos dias, ele era o moribundo. Noutros, era um familiar do moribundo. Nessa noite, iria ser Sally Gutierrez, mãe de três filhos, e o rosto seria um 6, «Dói ainda mais». Foi toda a informação que lhe deram antes de um estudante de medicina, nervoso, com uma bata branca que não lhe assentava bem, entrar e dizer a Cyrus/Sally que a sua filha sofrera um acidente de viação, que a equipa fizera tudo o que estava ao seu alcance, mas não a tinham conseguido salvar. Cyrus aumentou a sua

reação para um 6, à beira das lágrimas. Perguntou ao estudante de medicina se podia ver a filha. Soltou uns palavrões, e a dada altura até gritou um pouco. Quando saiu, ao fim da tarde, tirou do cestinho de vime que estava na mesa da secretária uma barra de cereais com chocolate.

Frequentemente, os estudantes de medicina mostravam-se ansiosos por o reconfortar, como apresentadores de programas da tarde. Ou então sentiam-se repelidos pelo artifício da situação e mal se envolviam. Diziam-lhe lugares-comuns numa lista que tinham sido obrigados a decorar, tentavam encaminhá-lo para os serviços de aconselhamento do hospital. Por fim, deixavam a sala de exames, e Cyrus ficava a avaliar a compaixão deles preenchendo uma folha de pontuação fotocopiada. Uma pequena câmara instalada num tripé registava todas as conversas para análise.

Por vezes, o estudante de medicina perguntava a Cyrus se queria doar os órgãos do seu ente querido. Esta era uma das conversas para as quais a faculdade os estava a treinar. O trabalho dos alunos era persuadi-lo. Cyrus era Buck Stapleton, treinador adjunto da equipa de futebol da universidade, católico devoto. Estável, um 2 na escala da dor: «Dói um bocadinho.» A carinha de banda desenhada ainda sorria, embora a custo. A sua mulher estava em coma, o cérebro não mostrava sinais de atividade. «Ela ainda pode ser útil aos outros», disse o estudante, pou-sando desajeitadamente a mão no ombro de Cyrus. «Ainda pode ajudar a salvar vidas.»

Para Cyrus, a diversidade das personagens era metade da diversão. Ele era Daisy VanBogaert, uma contabilista diabética cuja amputação da perna abaixo do joelho chegara demasiado tarde. Para esta, pediram-lhe que usasse uma bata de hospital. Era um imigrante alemão, Franz Links, engenheiro, com um enfisema terminal. Era Jenna Washington, cuja doença de Alzheimer estava a acelerar de forma inesperada. Um 8. «Muitas dores.»

A médica que entrevistou Cyrus para o emprego, uma mulher branca mais velha, com lábios severos e olhos cor de chumbo, disse-lhe que gostava de contratar pessoas como ele. Vendo-o erguer uma sobrance-lha, ela explicou rapidamente:

«Isto é, não-atores. Os atores profissionais tendem a» — girou as mãos em círculos apertados — «marlonbrandizar um pouco as coisas. Não conseguem deixar de centrar a situação neles próprios.»

Cyrus tentara convencer Zee, o seu colega de apartamento, a fazer o mesmo trabalho, mas este faltara à entrevista. Zbigniew Ramadan